

**PESQUISA SOBRE OS EFEITOS DA
PANDEMIA DA COVID-19 NA ÁREA DE
ATUAÇÃO DA SUDENE**

**RELATÓRIO DE DESTAQUES
DOS GRUPOS 1 E 2
(REVISADO)**



DATAMÉTRICA
pesquisa e consultoria

SUMÁRIO

1. Contexto	3
2. Objetivos	4
3. Público-alvo	4
4. Métodos e técnicas utilizados	5
5. Destaques dos principais achados	9
5.1. Efeitos da pandemia: quem mais sofreu	9
5.2. Incorporação e impactos das novas tecnologias	24

1. CONTEXTO

Vivemos na maior parte do ano de 2020 e neste início de 2021 um cenário para o qual não estávamos preparados: o da pandemia da Covid-19. Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou como pandemia o surto da doença (Covid-19) causado pelo novo coronavírus. O governo brasileiro reconheceu o estado de calamidade pública em 20 de março de 2020, com a publicação do Decreto Legislativo no 6/2020. Desde então convivemos com a realidade da doença e das medidas tomadas com o propósito de contenção do contágio, com inúmeros desdobramentos para o conjunto da sociedade.

De acordo com dados divulgados pelo Ministério da Saúde, no dia 28 de março de 2021 o Brasil chegou a 12.534.688 casos acumulados de Covid-19, sendo que só na região Nordeste foram 2.875.318 casos. Na mesma data, o país somava 312.206 mortes e 67.377 apenas no Nordeste. O país apresentava 5.965 casos acumulados por 100 mil habitantes e 149 óbitos acumulados por 100 mil habitantes, enquanto no Nordeste esses indicadores eram de 5.038 e 118, respectivamente.

O reflexo da pandemia do novo coronavírus no país pode ser avaliado a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID-19, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. De acordo com a pesquisa, a taxa de desocupação que era de 10,5% na primeira quinzena de maio de 2020, atingiu 14,4%, na segunda quinzena de setembro do mesmo ano. No mesmo período tínhamos 2,7 milhões de pessoas afastadas do trabalho devido ao distanciamento social, 7,9 milhões em trabalho remoto e 15,3 milhões que não procuraram trabalho ou por causa da pandemia ou por falta de alternativas de trabalho em sua localidade. Em novembro de 2020, 13,5 milhões de pessoas ocupadas e não afastadas do trabalho trabalharam menos do que o habitual e 16,3 milhões tiveram rendimentos reais menores do que o normalmente recebido. Nesse mesmo mês de novembro, 41% dos domicílios do país recebiam auxílio emergencial, sendo que na região Nordeste esse percentual fica acima de 52%. O Produto Interno Bruto (PIB) do país terminou 2020 com queda de 4,1%, de acordo com o IBGE.

Embora haja alguns estudos e pesquisas que buscam aferir os efeitos decorrentes da pandemia da Covid-19 no Brasil, como é o caso da PNAD COVID- 19 desenvolvida pelo IBGE, ou mesmo as pesquisas mensais da Indústria, Comércio e Serviços também do IBGE, são escassos os estudos com recortes regionais mais abrangentes, como para a região Nordeste ou a área de atuação da Sudene, que, ao mesmo tempo, permitam obter um entendimento com maior precisão dos efeitos adversos da pandemia nos territórios e obter uma visão consolidada sobre os desafios do setor produtivo e o impacto social da crise.

Diante dos fatos acima apresentados, a Sudene contratou a empresa Datamétrica Pesquisa e Consultoria Ltda. para a realização de um trabalho de pesquisa e levantamento de informações sobre a atual situação do setor produtivo no contexto da pandemia, sobre seus desdobramentos para o conjunto da sociedade, bem como expectativas, demandas e desafios dessa crise, em sua área de abrangência (estados do Nordeste mais parte dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo). O objetivo deste trabalho é municiar a Sudene com informações estratégicas para que se construa uma maior compreensão do fenômeno e os desafios que estão postos para seu enfrentamento, no sentido do planejamento e articulação de políticas voltadas ao desenvolvimento incluyente e sustentável da região.

2. OBJETIVOS

Esse relatório apresenta destaques de alguns tópicos, dentre os vários explorados nas 80 entrevistas em profundidade realizadas com agentes governamentais e representantes de entidades de classe de todos os estados que compõem a área de atuação da Sudene. A seleção dos órgãos e entidades entrevistados seguiu os critérios contidos no contrato de prestação de serviços firmado entre a SUDENE e a Datamétrica Pesquisa e Consultoria Ltda., que prevê a realização de pesquisas quantitativa e qualitativa com o objetivo de aferir os efeitos da crise sanitária e econômica que vem assolando o Nordeste.

O esforço da análise qualitativa se concentrou em identificar os pontos de confluência nas diversas respostas obtidas sem, contudo, pretender assegurar representatividade estatística aos resultados obtidos. O objetivo foi identificar a visão desses agentes quanto aos diversos temas propostos. O que se percebe é que as respostas adicionam um elemento de subjetividade que contribui, soma, às descobertas estatisticamente representativas obtidas nos estudos dos Grupos 3 e 4. A visão de cada entrevistado é recheada de sentimentos muito associados também à realidade de seus estados, a composição setorial de seu PIB, o nível de desenvolvimento de cada setor desses, bem como a capacidade da máquina pública de dar respostas naquele cenário de pandemia.

3. PÚBLICO-ALVO

O público-alvo da pesquisa está dividido em dois grupos:

- Grupo 1: representantes de entes governamentais e associações municipalistas da área de atuação da Sudene;

- Grupo 2: instituições de categorias profissionais representantes das confederações e federações estaduais de agricultura, pecuária, da indústria, do comércio de bens, serviços e turismo, e do Sistema S da área de atuação da Sudene.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As entrevistas se basearam em roteiro norteador dos temas a serem tratados, de forma a contemplar os objetivos do estudo. Dentro do possível, considerando a fluidez natural própria de entrevistas em profundidade, seguiu-se a ordem das perguntas indicadas nos roteiros. O princípio geral, entretanto, foi assegurar que todos os temas tenham sido tratados, ao fim de cada entrevista.

Em seguida às quatro entrevistas iniciais realizadas na etapa de pré-teste, e aos ajustes propostos e aprovados nos roteiros, foram realizadas as 76 entrevistas restantes, das 80 previstas no contrato. A maioria das entrevistas foi realizada com secretários, secretários executivos/adjuntos/sub-secretários dos governos, e com presidentes/vice-presidentes, superintendentes das entidades e instituições setoriais. Tivemos algumas recusas, cancelamentos devido a emergências associadas à crise sanitária. E, em cerca de 20% dos casos, foi realizada com gerentes, chefes de gabinetes, assessores indicados pelas secretarias e entidades.

Ainda em cumprimento ao Termo de Referência, e a fim de captar os impactos da crise decorrente da pandemia da Covid-19 sobre o setor produtivo da região, foi dada prioridade a entrevistas com representantes de cada um dos onze estados que compõem a área de atuação da Sudene, nas seguintes instituições: (i) Secretarias de Desenvolvimento Econômico, Fazenda ou Planejamento, dentre os atores do Grupo 1; e (ii) Federações estaduais de Agricultura e Pecuária, da Indústria, do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, dentre os atores do Grupo 2.

Todas as entrevistas foram transcritas e os nomes dos entrevistados foram preservados, em cumprimento ao código de ética das empresas de pesquisa. Esse cuidado tem a vantagem de deixar o entrevistado, ademais, mais confortável em emitir críticas. Isso foi, inclusive, revelado algumas vezes.

Segue quadro resumo com as instituições destacadas segundo a Unidade da Federação. Vale lembrar que o quadro a seguir não corresponde ao total de entrevistas realizadas na pesquisa, trata-se antes de um resumo do que está contemplado neste relatório de destaques.

Estado	Grupo	Instituição
Alagoas	Grupo 1	Associação de Municípios Alagoanos
		Secretaria de Planejamento e Orçamento de Alagoas
		Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Alagoas
		Secretaria de Agricultura de Alagoas
	Grupo 2	FECOMERCIO AL
		Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Alagoas FAEAL
Bahia	Grupo 1	Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura da Bahia – SEAGRI
		Secretaria de Planejamento da Bahia
		Secretaria da Fazenda da Bahia
	Grupo 2	FECOMERCIO BA
		Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FAEB)
		SEBRAE BA
		Federação das Indústrias da Bahia
Ceará	Grupo 1	Associação dos Municípios do Estado do Ceará
		Secretaria de Desenvolvimento do Ceará
		Instituto de Pesquisas Estratégicas e Econômicas do Ceará (IPECE)
		Secretaria de Turismo do Ceará
	Grupo 2	FECOMERCIO CE
		Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará (FAEC)
Espírito Santo	Grupo 1	Secretaria de Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca
		Secretaria de Turismo do Espírito Santo
	Grupo 2	FECOMERCIO ES
		SENAR ES

		SEBRAE ES
Maranhão	Grupo 1	Secretaria da Fazenda do Maranhão
		Secretaria de Planejamento e Orçamento do Maranhão
		Secretaria da Agricultura, Pecuária e Pesca do Maranhão (SAGRIMA)
	Grupo 2	FECOMERCIO MA
		Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (FIEMA)
		SENAC MA
		SENAR MA
Minas Gerais	Grupo 1	Associação Municipalista de Minas Gerais
		Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais
		Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais
		Secretaria de Saúde de Minas Gerais
	Grupo 2	SEBRAE MG
		FECOMERCIO MG
		Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (FAEMG)
Paraíba	Grupo 1	Secretaria da Fazenda da Paraíba
		Secretaria da Saúde da Paraíba
		Federação das Associações de Municípios da Paraíba
		Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba
		Federação das Associações dos Municípios da Paraíba (FAMU)
	Grupo 2	Federação das Indústrias do Estado da Paraíba
		FECOMERCIO PB
Pernambuco	Grupo 1	Secretaria de Desenvolvimento Agrário de Pernambuco
		Secretaria do Trabalho, Emprego e Qualificação de Pernambuco
		Empresa de Turismo de Pernambuco (EMPETUR)
		Associação Municipalista de Pernambuco
	Grupo 2	FECOMERCIO PE
		SEBRAE PE

Piauí	Grupo 1	Secretaria de Desenvolvimento do Piauí
		Secretaria da Fazenda do Piauí
		Associação Piauiense de Municípios
	Grupo 2	SEBRAE PI
		FECOMERCIO PI
Rio Grande do Norte	Grupo 1	Secretaria de Saúde do Rio Grande do Norte
		Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Norte
		Secretaria de Planejamento e Finanças do Rio Grande do Norte
		Federação dos Municípios do Rio Grande do Norte
	Grupo 2	SENAR RN
		Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte
Sergipe	Grupo 1	Secretaria do Desenvolvimento Econômico e da Ciência e Tecnologia de Sergipe (SEDETEC)
		Secretaria de Agricultura, Desenvolvimento Agrário e Pesca de Sergipe
		Federação dos Municípios do Estado de Sergipe
	Grupo 2	SEBRAE SE
		SENAR SE
		Federação das Indústrias do Estado de Sergipe
Nacional	Grupo 2	Confederação Nacional do Comercio (CNC)
		Confederação Nacional da Agricultura (CNA)

5. DESTAQUES DOS PRINCIPAIS ACHADOS

Para esse relatório de destaques, elegemos três áreas de informações relevantes:

- 5.1. Efeitos da pandemia: quem mais sofreu;
- 5.2. Incorporação e impactos das novas tecnologias;

5.1. EFEITOS DA PANDEMIA: QUEM MAIS SOFREU

As economias menores, os mercados menos estruturados e menos regulamentados, e os setores que dependem necessariamente do contato com o seu consumidor direto, esses foram os mais impactados. E, de um modo geral, os estados mais dependentes destas atividades.

Portanto, foram principalmente impactados aqueles municípios menores, com economias mais frágeis, pois houve, ao mesmo tempo, uma perda de renda, uma desarticulação da cadeia produtiva da qual eles participam e um aumento nas despesas públicas.

Igualmente, os pequenos produtores, menos inseridos nas grandes cadeias produtivas, e o setor informal em geral, tiveram mais dificuldade de sobrevivência. O comércio de varejo, principalmente aquele voltado para bens não essenciais, também sentiu fortemente os impactos econômicos da pandemia. E, por fim, o turismo e toda a sua cadeia produtiva. Tudo isso abalou bastante as economias da região.



5.1.1 EM ALAGOAS

“O turismo levou um golpe mortal, agora a gente está recuperando isso com protocolos sanitários específicos para toda a cadeia do turismo, alimentação e bares estão voltando com 80% de taxa de ocupação e estamos voltando a movimentar a economia. Outro setor afetado, por tabela, foi o de serviços. Os serviços foram bastante afetados porque [pela internet] não é a mesma coisa. Estou dando essa entrevista a você com recursos tecnológicos [online]. [Mas] os serviços que precisam de contato presencial pereceram, faliram. Por isso precisamos explorar esse tipo de contato remoto porque, dificilmente, essa pandemia vai passar.” **(19 G1 AL - Associação de Municípios Alagoanos).**

“Pelos dados que a Secretaria da Fazenda tem, no primeiro momento foi o comércio e o turismo (...) A cadeia de turismo sente primeiro. Aí vem a questão do comércio, o próprio governo também. Você pega as principais secretarias afetadas diretamente, que é a saúde e educação, a questão da educação, até hoje não houve uma padronização nacional para resolver essa questão. Então, a gente ainda vai avaliar os impactos dessa suspensão das aulas nos próximos anos, dessa perda que os alunos têm da convivência no ambiente escolar e a saúde pelo estresse logo inicial.

“Alagoas não fechou a indústria, porque nossa indústria ela é mais indústria de base, de transformação, então ela é da área de plásticos, alimentos, bebidas, não podia fechar porque é um setor essencial. Também não fechamos hotéis, a parte do turismo. Como não existia demanda, os próprios hoteleiros decidiram fechar. O comércio, por uma força maior, tivemos que fechar para tentar diminuir a curva da contaminação. Então comércio, serviços e áreas de turismo. Quando eu falo de serviços eu falo de atividades formais e informais, porque aqui no Nordeste, o nordestino não tem grandes oportunidades então vai empreender para sobreviver e a maioria tende de forma informal. Caso concreto são os ambulantes de praia, né?! Então a praia fechou e foi duro.”

“As feiras livres, que comercializavam os produtos do campo, elas foram suspensas por um período aí em vez de ter o feirante com sua banquinha, fazendo a comercialização da agricultura familiar, os atravessadores começaram a comprar isso no campo e a vender em lojas e supermercados. Eu acho que esse foi o principal problema e quem mais sofreu, vinculado a nossa atividade (...) A demanda no campo aumentou, agora o pequeno produtor esse sofreu porque ele vendia diretamente, produz a macaxeira em duas ou três tarefas de terra, colocava em um carrinho, ou na carroça de burro, e ia para a cidade vender e muitas feiras foram suspensas, ele não pode continuar. Então, ele acabou vendendo seu produto mais barato para o atravessador e começaram a vender nos supermercados e nos hortifrúteis.”

“A gente tem três segmentos, como eu falei, o comércio de bens, serviços e o turismo. Cada setor desse teve um impacto diferente. Ao longo de 2020, o setor do comércio teve um impacto grande inicialmente quando o

comércio ficou fechado durante 100 dias, os serviços não essenciais, principalmente a parte de venda de tecidos, salões de beleza, lanchonetes e bares. A parte do turismo foi bastante atacada. Atacada não, mas que sofreu com esse fechamento foram os hotéis, 100% dos hotéis foram fechados durante 100 dias, de abril a junho de 2020. A gente não tem uma base real do prejuízo, quantitativo, mas pelo que eu vi, pelo que foi demonstrado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o turismo no Brasil teve uma perda de 65% com relação ao volume de atividade, que é muito grande, uma perda gigantesca. Pela pesquisa mensal do comércio do IBGE, a gente terminou o ano, no caso o setor de comércio, com 2% negativo. O setor de serviços sofreu mais, foi quase 16% e o turismo não tenho um valor específico, mas tenho a noção do Brasil, que foi um valor bastante significativo de quase 60%.”

5.1.2 NA BAHIA

“Os setores que mais sentiram, no momento, na entrada da pandemia, foi o setor leiteiro já que os pequenos (...) não conseguiam escoar, pizzaria fechada, restaurante, bares que são os maiores consumidores desses pequenos laticínios. Outro setor que sentiu no início foi o cacau, que é importantíssimo para a Bahia, nós somos o maior produtor, vale lembrar, e o que a gente teve no início foi uma baixa no consumo muito forte, mas depois também se readaptando com o auxílio emergencial também melhorando (...) a Páscoa desse ano, aparentemente, vem aquecida. A floricultura que vem com um impacto aí importante também porque deixamos de ter casamento, festividades que eram importantes para floricultura, mas que vem se adaptando de alguma forma.”

“O PIB caiu em torno de 3,7%, teve um pequeno crescimento no final do ano, mas ainda assim não foi o suficiente para reverter essa queda, uma queda de 3,7%. (...) o nosso PIB ele é impactado pelo setor de serviços, ele participa do nosso PIB com próximo de 70% e o setor de serviços virou água, o turismo virou água... o aspecto visível disso primeiro é o comércio. O comércio fechou as portas.”

“Seguramente, a indústria, o setor de serviços e o turismo... No auge da pandemia, logo no início dela, nós tivemos uma queda expressiva na nossa arrecadação (...) mas no segundo semestre a economia já começou a demonstrar uma resposta... e a gente se aproximou ficando, mais ou menos, no mesmo patamar de 2019 (...) Mas foi preciso a liberação de recursos, evidentemente, privilegiando e prevalecendo a área de assistência à saúde. Para você ter ideia, foram abertas 23 policlínicas e 9 hospitais regionais.”

“Até dezembro nós tivemos um prejuízo no ano passado em torno de R\$ 5.6 bilhões (só no comércio varejista) (...) O comércio varejista representa praticamente, 80% a 90% do número de empregos. Nós tivemos uma quantidade de desemprego muito grande, que é uma coisa que muito nos preocupa, porquanto varejo, na hora que se desemprega, o varejo fica sem o combustível maior, que é a renda do trabalhador.”

5.1.3 NO CEARÁ

“Os nossos desempregados, que estão inscritos no Bolsa Família, são pessoas que estão sem informação, com pouca condição de chegar políticas públicas de qualidade, que moram na zona rural e tem dificuldade de acesso (...) A juventude, não pela falta do cognitivo, a falta de você conseguir fazer essa coisa de maneira remota, mas também a parte de saúde mental desses jovens. Isso foi uma preocupação para todos nós, inclusive, desenvolvemos nesse período campanhas de prevenção ao suicídio (...) o setor que se agravou muito foi serviços que impactam muito nos serviços dentro dos municípios, principalmente na nossa região porque nós não temos atividade industrial.”

“Setor de serviços uma cadeia relevante porque envolve, taxistas, gastronomia, eventos, executivos e eventos de entretenimento, artistas, humoristas, a música que aqui é muito forte e shows de humor também. Tivemos um impacto muito grande na cadeia de bares e restaurantes (...) A educação sofreu bastante, tanto pública quanto privada.”

“Tivemos dificuldades com a redução de estabelecimentos, principalmente em shoppings centers. Por quê? Porque o custo é mais elevado. Tivemos dificuldades de manutenção de negócios na área de restaurantes e bares, que passam ainda por uma grande dificuldade não só no Ceará, mas no país.”

Ipece/CE – a economia cearense é muito voltada para serviços, os mais de 77% da economia cearense está no setor de serviços e nesse componente está toda essa cadeia de eventos. Quando falo da cadeia de eventos, eu estou falando da cadeia de turismo e também dentro dela e a parte de bares e restaurantes.”

“Quais foram as dificuldades? Mão de obra (...) às vezes, a mão de obra foi um fator limitante de colheita, de adubação, nos tratos culturais. Por causa do isolamento, ele teve uma diminuição de mão de obra nos primeiros meses da pandemia (...) propriedades rurais que têm maior rotina de necessidade de fluxo de pessoas, sofreram maior impacto (...) o produtor rural que já não estava atualizado (tecnologicamente), já estava naquele limite, naquela corda bamba.”

“O setor inteiro parou. O setor de eventos está parado há um ano. Aqui tinha muitos eventos corporativos, congressos, aqui que é mais congresso e tinha também os eventos da cidade que aqui no Nordeste tinham muitas festas, grandes shows, todos eles pararam. (...) Sofreram os humoristas, aqui temos muitos, sofreu o vendedor, desde a cerveja, o informal, o formal, sofreu a hotelaria, sofreu o aeroporto que paralisou, já chegamos a ter 4 mil voos nacionais por mês e tem uma época de 50 voos por mês, então foi uma parada enorme. A cadeia inteira foi destruída.”

5.1.4 NO ESPÍRITO SANTO

“Nós tivemos a pesca... onde temos uma dificuldade de organização, falo de forma sincera, eles demandaram muito, os pescadores, aquela população ribeirinha à frente do mar, as colônias sofreram muito. A pesca já é uma atividade sazonal, às vezes não dá peixe, e a pesca sofreu muito e procuramos olhar para isso. Recebemos um recurso do Banco do Brasil, 400 mil reais em cestas básicas, e nós destinamos a artistas artesãos e para a pesca, fizemos uma avaliação social, e destinamos o recurso para pescadores artesanais. Então, a pesca sofre muito mais que a agricultura e mais que a pecuária, sem dúvida nenhuma.”

“Se você olhar para os guias de turismo que, em sua maioria, são pessoas físicas, no máximo MEI, eles ficaram totalmente parados, então, o impacto econômico foi muito imediato e drástico, impactou a economia familiar. Empresas de porte maior, redes hoteleiras, por exemplo, não tiveram sua atividade interrompida por decreto de lei, mas tiveram que mudar a dinâmica, reduzindo o número de hóspedes, clientes nos restaurantes, nos *campings* e por aí vai, principalmente, para evitar aglomerações. E o setor de eventos que continua proibido para aqueles grandes shows porque eles, essencialmente, são aglomerações.”

“Os meses de abril, maio e junho (de 2020) foram, para nós aqui, um caos (...) até porque o comércio de bens e serviços e turismo representa para o PIB capixaba mais de 70%. Então, vamos dizer, o grande percentual da economia do Espírito Santo é do comércio de bens e serviços e turismo. Então foi altamente afetado. Então, a partir do dia 21 de março... tiveram que ser tomadas algumas providências que, como aconteceu em todo o Brasil, gerou revolta da população, principalmente dos empresários pequenos, que dependiam daquilo para sobreviver, e teve o problema sério. Lembrando também que o estado do Espírito Santo foi duplamente prejudicado, meses anteriores, por as fortes chuvas que aconteceram aqui (...) quando você respirou um pouquinho, aí veio a pandemia, aí piorou mais ainda, essa que é a verdade. Mas repito, o governo de sábio, de imediato, tomou providências, vamos dizer, que deram certo. Ou seja, nós não apelamos, inclusive, para adaptações de hospitais.”

“O que nós vimos, nesse período de pandemia, é que aumentou muito o custo de produção, tá? Então você tem um preço disparado de soja, você tem um preço disparado de milho e isso afeta desde a produção do leite, a produção de ovos, de frango, suínos, assim como os insumos para a produção agrícola. Então os adubos tiveram uma disparada muito grande, baseada também no dólar e assim como os insumos: sementes, defensivos agrícolas, enfim. Tudo sofreu um impacto, né?”

“Tivemos setores que tiveram 80% de queda de receita, outros setores com 20%, 40% (...) Vamos citar os setores do turismo, toda a cadeia ligada ao turismo, principalmente bares e restaurantes, que ainda

sofrem com a pandemia, e aí atividades que cresceram muito durante a pandemia... no geral, as micro e pequenas empresas sofreram muito com a pandemia. O Sebrae fez pesquisas mensais para acompanhar os impactos nos diversos setores. Essa pesquisa, esse histórico de pesquisa que o Sebrae fez foi retratando ao longo de todo o período de 2020, as dificuldades e os desafios que cada setor foi vivendo ao longo da pandemia. De modo geral, houve fortes impactos. Em alguns momentos da economia, nós tínhamos 70% dos setores fechando as portas e isso de fato levou várias empresas a terem seu faturamento muito reduzido.”

5.1.5 NO MARANHÃO

“Alguns setores ganharam com a crise, e não ganharam pouco, - e não foi só o setor farmacêutico -, e alguns setores perderam muito. Quem mais perdeu durante o período da crise, ao contrário do que se imagina, não foram os bares e restaurantes. Nós tivemos, por exemplo, alguns dados obtidos a partir dessas notas fiscais emitidas (...) nós tivemos no setor automobilístico, concessionárias de veículos, no auge da crise, perdendo 94% da receita. Tivemos bares e restaurantes perdendo 65% a 70% da receita porque se reinventaram com delivery, por isso não perderam tudo.”

“O setor público como um todo ele foi fortemente afetado. De um lado pelas receitas a gente teve uma perda muito expressiva na arrecadação própria e também de transferência constitucional, a gente viu isso, o impacto muito grande em meados do ano passado que foi o ponto máximo de queda de arrecadação, principalmente no ICMS, e também as transferências constitucionais. Então, em relação à receita, o impacto foi grande neste sentido, apesar de ter havido um conjunto de medidas do governo federal para compensar essas perdas. E, em relação à despesa, a gente teve que fazer uma gestão sanitária mais fina no sentido de direcionar o orçamento e os recursos para o enfrentamento da pandemia do coronavírus. Então, houve um crescimento expressivo nas despesas de custeio da saúde, além da assistência social, despesas relacionadas a incentivos econômicos e sociais principalmente. Então, houve uma reconfiguração, uma engenharia nas políticas públicas de modo a direcionar esforços para essas áreas de enfrentamento da Covid.”

“O pequeno agricultor teve um impacto muito maior, principalmente aqueles que trabalham com a parte de feiras, aqueles que trabalham com locais onde foram suspensas as atividades, no início, principalmente, teve uma maior dificuldade. O médio e o grande, que trabalham em um outro formato de trabalho, acabaram não sofrendo tanto. A nossa produção de grãos não foi atingida na pandemia, mas a nossa produção, do pequeno produtor, teve um impacto muito significativo, tanto que alguns deles a gente teve que fazer algumas intervenções a nível de estado, como compra para distribuição em cestas básicas, andamos trabalhando com outras modalidades para manter o mercado aquecido.”

“Os setores que tiveram maior impacto foram os setores de serviço ligados aos bares e restaurantes e setor de hotelaria, dentro do setor de serviços, e no setor de comércio, é o que a gente chama de mercadorias em geral, setor lojista, ou seja, setor ligado ao varejo de roupas, calçados, papelarias e afins.”

“A gente procurou, ainda no mês de abril do ano passado, aplicar um questionário junto às empresas para saber o que estava acontecendo e qual o impacto que se apresentava. O impacto foi grande em termos de produção, em termos de faturamento, em termos de emprego (...) Por exemplo, o volume de produção das empresas entrevistadas, 95% alegaram queda no volume de produção, aí uma queda mais acentuada ou menos acentuada, mas de qualquer maneira foi uma queda na produção. E para 52% delas a queda foi significativa... 95% das empresas são micro e pequenas e que, via de regra, não têm um suporte de caixa para aguentar um impacto de atividades fechadas, suspensas, paralisadas por algum tempo (...) o impacto maior foi em cima das micro e pequenas.”

“Olha, nós somos escola (...) O que observamos nesses últimos meses é que muitas empresas, principalmente empresas de pequeno porte, fecharam suas portas por conta das medidas daquele momento e não conseguiram reabrir. Muitas empresas, às vezes, não têm caixa e trabalham com caixado dia, ou seja, o dinheiro do caixa entra na renda do dia... Nós tivemos muitas empresas pequenas, porque nós atendemos também os trabalhadores dessas empresas pequenas (...) muitas não conseguiram reabrir suas portas depois da liberação, da autorização de que o comércio poderia funcionar. Na própria escola Senac, ainda é frequente, uma certa redução na procura dos nossos cursos, mesmo a escola já estando trabalhando de forma presencial, as unidades já estão abertas para esse atendimento presencial.”

5.1.6 EM MINAS GERAIS

“Os municípios menores sofrem mais. Tem menos indústrias, porque as indústrias foram menos afetadas que o comércio. Em municípios pequenos, aí, de dez mil habitantes, o que gira muito a economia é o comércio. Então, eles sofreram bem mais, mas também não deixou de afetar os municípios maiores, que tiveram de fazer investimentos, um aporte muito maior na questão de saúde. Sempre são as regionais que mantêm os hospitais com CTI, UTI e os municípios pequenos, em grande maioria, não possuem. Então, esse talvez seja o grande impacto sofrido por estes municípios com a demanda maior e sem ter uso dos recursos. Parou de arrecadar, parou de produzir, diminuiu muito o comércio. Aumentou o desemprego, os municípios têm que ir ali socorrer o cidadão na ponta da linha, através da assistência social sem ter recursos para isso. Então, foi uma situação bem complicada, alguns municípios ainda passam por muitas dificuldades. E, no primeiro ano da pandemia tiveram aporte do governo federal para os recursos da Covid-19, recursos até essa questão do ICMS, que houve uma

queda grande de arrecadação, mas a partir de janeiro já não teve mais. Essa é uma demanda que os municípios estão junto ao governo federal para a gente tentar recuperar as perdas que eles estão sofrendo.”

“Olha, se você pegar do ponto de vista macro, o estado de Minas, o cálculo do valor bruto da produção do que é feito pelo ministério da agricultura, ele mede o seguinte: a quantidade do que se foi produzido no setor agrícola e pecuária vezes o preço médio. Então, se compararmos 2019 com 2020, nós tivemos um crescimento de 27% no valor bruto da produção, nós chegamos aí em torno de 97 bilhões de reais. Então, houve um crescimento significativo no ano passado... (mas) alguns setores foram impactados, sim. Por exemplo, nós temos uma relação muito forte aqui com o Programa Nacional de Alimentação Escolar, o PNAE. O PNAE foi impactado porque não tinha criança na escola e os produtores que atendiam este programa, os agricultores familiares, não foram beneficiados. Isso deu um impacto significativo. Outro também que impactou é que para agricultura familiar as feiras livres foram proibidas, então, nós tivemos em um determinado momento um impacto significativo. O setor de floricultura foi bastante impactado também. Acabaram-se os eventos, então impactou. Nós temos aqui, nós somos o maior polo de peixes ornamentais, teve um impacto violento também porque peixe ornamental, os estabelecimentos fechados, sofreu um impacto. No início nós tivemos alguns problemas na produção de queijo, Minas é estado que tem a tradição, nós tivemos pequenos laticínios com dificuldades, mas depois houve uma reversão dessa situação, tendo em vista que os produtores começaram a vender de forma online os queijos, e isso até teve uma melhoria na venda desses produtos. Então, eu entendo que os pequenos tiveram esse impacto. Também outro impacto dos pequenos agricultores que nós temos aqui o que chamamos o PAA Familiar, o Programa de Aquisição de Alimentos, em que o estado e as instituições do estado são obrigados a comprar da agricultura familiar 25% dos produtos da agricultura familiar. Então, o próprio governo, as estruturas reduziram suas atividades, consequentemente, esse nível que tem amparo legal para a compra nós não atingimos a meta.”

“Eu acho que a economia toda sofreu. Nós criamos aqui um programa “Minas livre para crescer”, foi até usado como referência para outros estados, e nós mediamos os indicadores sanitários das macrorregiões do estado e classificávamos entre onda vermelha, amarela e verde, e cada onda dessa permitia ou não a abertura de alguns setores. Atualmente, nós mudamos. Todos os setores para o governo de Minas são considerados essenciais, que seja uma loja de roupa, que seja uma sorveteria, se ele gera emprego ele é essencial. Então, com essa medida a gente conseguiu amenizar bastante o impacto econômico da pandemia nessas regiões.”

“Obviamente que os setores mais afetados foram os setores de comércio e serviço, porque são setores que dependem de uma renda familiar disponível (...) [na pesquisa que realizamos] 73% das empresas declararam que tiveram faturamento diminuído, desses 73%, quase 40% disseram que tiveram queda de faturamento da ordem de 70%. Ou seja, é uma situação realmente de muita calamidade para as

pequenas empresas. Eu costumo dizer que a pequena empresa acaba sofrendo um pouco mais porque o oxigênio dela é mais curto. As pequenas empresas, principalmente no Brasil, não estavam preparadas. Digamos assim, o modelo de funcionamento das nossas empresas antes da pandemia era um modelo mais analógico, muito presencial, muito dependente do contato com o cliente. As empresas não estavam estruturadas. É diferente de quando eu falo para você. Vamos dar um exemplo dos mais famosos marketplaces do Brasil, que é o Magazine Luiza. Eu tive a oportunidade de acompanhar durante o período da pandemia. No segundo mês de pandemia, por volta de maio, o Magazine Luiza estava com 37% de aumento de faturamento porque ele já era um *marketplace* antes da pandemia. Todo esse processo de adaptação que nós tivemos que cobrar das empresas, e estimular as empresas que fizessem, buscando o *e-commerce*, buscando o *delivery*, se não tinha um site próprio, que buscasse se afiliar ou anexar a um *marketplace* qualquer, elas tiveram que fazer isso numa velocidade muito grande sem saber fazer.”

“Trouxe um impacto significativo, mas que se deu de forma diferenciada... Isso porque quando olhamos para o comércio varejista, nós temos desde supermercados, varejos de produtos alimentícios e farmacêuticos, até varejos de eletroeletrônicos, móveis, livrarias, enfim. Se por um lado o efeito desse isolamento social acabou ampliando o faturamento de serviços de comércios de bens essenciais, como é o caso de supermercados e também produtos farmacêuticos, por outro, acabou prejudicando o comércio e o faturamento daqueles estabelecimentos que comercializam bens não essenciais, e que também não são bens com os quais o consumidor tem aquele desejo imediato de consumação. Segmentos como livrarias, que já vem sendo afetado por fatores estruturais, existe a substituição de livros físicos por digitais e isso acaba afetando as tradicionais livrarias, vestuário... Livrarias, varejo de vestuário... Eletroeletrônicos, móveis, são setores que acabaram amargando prejuízo nesse período de pandemia.”

5.1.7 NA PARAÍBA

“Primeiro, antes de falar da parte econômica, quem mais sofreu foi o cidadão, muita gente com muito medo e pessoas que perderam o emprego e o emprego está ligado à dignidade humana (...) Também os pequenos empresários que ficaram com suas atividades suspensas, muitos deles fecharam suas portas, algo lastimável. O governo do estado foi proativo e estava presente, dentro de suas limitações, prorrogando vencimentos de tributos, prorrogando parcelamentos, não enviando para dívida ativa o débito da dívida ativa, suspendendo algumas fiscalizações daquelas atividades e empresas que estavam com suas atividades suspensas, então, isso foi feito.”

“Eu sou médico sanitaria e trabalho no SUS há mais de 20 anos... eu rodei o país inteiro. Conheço o Brasil. Estive trabalhando no SUS na região Norte, no Centro-Oeste e a gente peregrina demais, aprende muito,

ouve muito (...) E eu não tenho dúvida alguma que a maior vítima da Covid-19 são as principais vítimas da brutal desigualdade social do país. Estas, o vírus foi de uma crueldade singular. As pessoas já tinham graves problemas com segurança alimentar, graves problemas com garantia de estabilidade e moradia (...) Já tinham dificuldade de acesso à escola, tinham um cenário objetivo de exclusão digital. Já tinham uma dificuldade objetiva de subsistir no dia a dia e aí, de repente, a gente chega num cenário em que você precisa usar máscara.”

“Então, não tenho dúvida de falar que as pessoas mais vulneráveis foram as mais afetadas, até porque essas pessoas tinham empregos informais, essas pessoas não participavam do mercado de trabalho, essas pessoas estavam ali fazendo seu ganha pão e foram proibidas de fazerem isso (...) A pandemia trouxe esse aspecto muito grave nos municípios, a essas pessoas... e também (foram muito prejudicadas) aquelas que tinham emprego ou empresas, digamos assim, não tão bem estabelecidas no mercado e tiveram que fechar as suas portas e essas pessoas foram demitidas (...) Apesar de algumas áreas terem reacendido, mas a maioria das áreas ainda continuam engatinhando e demitindo.”

“Sem dúvida foi o guia de turismo porque não tem vínculo com nada, é um profissional liberal, não tem carteira assinada, não tem contrato firmado, os guias são prestadores de serviço sem vínculo. É tanto que nessa cadeia toda, o governo do estado deu cesta básica porque o pessoal passou fome mesmo em muita gente não conseguiu acessar o auxílio emergencial do governo. Então, o guia de turismo foi um dos mais afetados porque o pessoal que trabalha em bar e restaurante, continuam atendendo por *delivery*, quem foi demitido consegue os auxílios federais, o pessoal de hotelaria a mesma coisa, mas o pessoal que trabalha autônomo realmente ficou numa situação muito difícil.”

“Setores representativos aqui na Paraíba, (como) é o caso de couro e calçados, metalurgia e química, tiveram impacto negativo (...) nos municípios mais afastados, com certeza, teve um impacto maior, principalmente no sentido do acesso a insumos, que começaram a chegar a ter uma certa escassez em todos os municípios mais afastados, mais distantes, com certeza esses sofreram um pouco mais.”

“O ICMS é gerado pelas vendas, então vamos lá. Janeiro de 2020, R\$ 575 mil. Vinha crescente em 2019. Fevereiro, R\$ 501 mil. Caiu. Março, abril, maio e junho, continuou caindo. A partir de julho de 2020, começou a subir, R\$ 459 milhões somente de ICMS. Agosto R\$ 533 milhões. Setembro subiu. Outubro subiu. Novembro subiu e Dezembro subiu. Uma coisa interessante, a arrecadação de ICMS em janeiro de 2021 foi de R\$ 652 milhões, só de ICMS, porque o estado tem outros impostos.”

5.1.8 EM PERNAMBUCO

“No primeiro momento, várias prefeituras ficaram assustadas e proibiram as feiras livres. Isso no começo

da pandemia (...) E teve, por exemplo, o caso da bacia leiteira que os caminhões deixaram de viajar, no auge da pandemia, então, faltava o milho, faltava soja, o preço subiu assustadoramente, mas agora voltou a estabilizar (...) Aqueles mais pobres (...), vários produtores rurais não tiveram direito ao auxílio emergencial e ficaram em uma situação bastante difícil e alguns, mais remotos, de comunidades quilombolas do estado, as comunidades tradicionais, os indígenas etc.”

“Os trabalhadores, principalmente o setor de serviços foi o mais atingido. O pessoal que vendia utensílios nas praias, vendiam mercadorias nas praias, nas cidades turísticas, como em outras cidades também que tinham como sustento a venda desses produtos. E também o setor de turismo foi o mais abalado porque mais sofreu durante esse período.”

“Os pequenos (hotéis) sofreram mais que os grandes, os grandes têm sua estrutura econômica com capital de giro (...) e têm o que oferecer a banco para conseguir garantia ou financiamento para giro, e os pequenos estão vendendo o almoço para ter o que comer no jantar e não tem esse capital de giro para mais um ano de pandemia, infelizmente (estão) fechando.”

“Evento, turismo. A papelaria e livraria caíram absurdamente, 40/50%, por aí. O setor de tecido também caiu bastante. Hoje em dia tá todo mundo com medo de sair e de gastar.”

“O impacto foi avassalador na renda. No primeiro momento, 65% dos pequenos negócios fecharam as atividades ou reduziram significativamente as atividades. Apenas um terço das atividades continuaram regularmente (...) Todos os segmentos sofreram, tirando alimentação, higiene pessoal, saúde, material de construção. Sofreram muito salões de beleza, barbearias, o pequeno comércio de alimento de rua, a pequena lanchonete, serviços pessoais, domésticos, jardinagem, pedreiro, eletricista, encanador, os MEIs, área de entretenimento e lazer foi um desastre, os segmentos de cultura, as atividades de indústria criativa foi de chorar. Não tem uma casa de show, um teatro, um bar para o artista se apresentar, um ateliê. Esses foram muitos penalizados.

5.1.9 NO PIAUÍ

“...comércio e indústria (que não estão na minha secretaria) (...) na minha visão foram os mais impactados (...) o setor do turismo e, dentro do setor do turismo, o setor da classe artística. Mas o comércio, indústria, construção civil, todos esses tiveram um impacto muito forte porque tiveram que ficar paralisados e depois tiveram dificuldades de retomar suas atividades.”

“O Piauí é um estado consumidor (...) O que teve problema, teve problema na parte de serviço, turismo teve problema, a parte de hotéis e restaurantes, mas a parte de consumo mesmo não teve muito

problema porque o estoque continuou sendo abastecido... as pessoas continuam consumindo no varejo. Além do mais, houve muita compra virtual e, na verdade, houve um grande consumo nesse período da pandemia e está havendo ainda.”

“O impacto da pandemia no faturamento de forma geral foi negativo porque houve queda de faturamento – (...) mesmo com todas as medidas que o governo adotou no sentido de amenizar os desligamentos de pessoas, dos postos de trabalho -, mas a queda de faturamento independente dos planos, provocou inclusive demissões. Em alguns casos, [provocou] fechamento porque caiu tanto que as empresas não [conseguiram se manter]. Principalmente nos setores que exigiam maior contato físico com o cliente, como foi o caso do setor de serviços. E o turismo foi muito afetado, principalmente no nosso estado.”

“O comércio varejista (...) acredito que tenha sido o maior prejudicado. Aquele comerciante da pequena loja, que vende confecção, vende o calçado, vende a roupa de cama, mesa e banho (...) A economia está engessada de uma forma que as pessoas não conseguem direcionar riqueza para nenhum outro setor que seja esse: pagar as contas de primeira necessidade.”

5.1.10 NO RIO GRANDE DO NORTE

“Os grupos mais vulneráveis foram os mais expostos, foram os que mais sofreram. Por isso que quando a gente fala de ações de enfrentamento da pandemia, a gente não fala só em ações do ponto de vista de assistência à saúde, mas ações da assistência social (...) a gente já vive em um modelo excludente, onde existe uma desigualdade social acentuada (...) Então, o processo da pandemia vitimizou mais ainda esse. Então a gente visualiza claramente que... os mais afetados pela pandemia em Natal foram aqueles que moram mais na periferia.”

“O pequeno produtor sofreu muito. Quando estourou a pandemia, lá para março ou abril, quando começou a fechar, as pessoas correram para o supermercado... O mercado que comprava 10 kg de mamão em um pedido no mercadinho, passou a comprar 30 kg, uma rede de supermercados que comprava mil passou a pedir dois mil. Mas o pequeno produtor, que não teve acesso a esse mercado formal, porque comercializava na feira livre (fechada na crise da pandemia) e compras governamentais (como a merenda) (...) o pior momento foi aí os dois primeiros meses da pandemia e, principalmente, os pequenos produtores, agricultores familiares que não tem acesso a esses mercados e se utilizam de atravessadores.”

“A gente aqui teve um sofrimento muito grande no setor de serviços, onde caiu 15% ao ano pelos dados do IBGE. Nós temos um setor de turismo, no Rio Grande do Norte, muito forte. Então, você tem todo o segmento do turismo, não só de hotelaria, mas hoje você ainda tem dificuldade com voos (...) caros, acesso difícil. Então, o setor hoteleiro sofre e você imagina também uma série de segmentos, por

exemplo, de trabalhadores informais que não tinham acesso a nenhum sistema de seguro social que sofreram com isso. E esses setores ligados, imagine os vendedores de praia, ambulantes, pessoal de eventos que sofreram muito. Então, para esse pessoal, o auxílio emergencial funciona como elemento importante e o fim dele é preocupante. Obviamente, o setor público também sofre na medida em que você tem uma explosão de despesas na área de saúde e você teve lá no início uma insuficiência de recursos para arcar com isso... Se nós pegarmos os auxílios da pandemia, nós tivemos 50 milhões de reais em recursos para pandemia em caixa. Mas a gente faz um cálculo do que a gente vai gastar agora neste semestre, cerca de 125 milhões de reais. Então, nós temos um déficit orçamentário. A pandemia não acabou e o auxílio acabou. Então, nós temos um déficit aí hoje da ordem de 70 a 80 milhões de reais admitindo que isso acabe em junho, que não é nada que garanta isso.”

“O setor da produção de laticínios teve um impacto maior, não é? E o setor de fruticultura também, com aquelas exportações que parou praticamente tudo naquele momento. Tiveram um pouco de dificuldade na comercialização desses produtos. Mas depois começou a voltar, voltar, e começou a haver uma demanda grande e começou a ter uma boa melhora com relação a isso e a expectativa é que continue crescendo ainda, né?”

5.1.11 EM SERGIPE

“Ciência e tecnologia foram bastante atingidas porque as universidades ficaram paralisadas, praticamente, e os outros setores da economia (...) a mineração um pouco, a indústria de transformação sofreu com a baixa na demanda da economia como um todo.”

“Se considerar o agronegócio, fazer uma comparação entre o agronegócio e a agricultura familiar, o agricultor familiar foi muito mais impactado porque é aquele produtor que vende na feira, feiras livres, aquele produtor que precisa do dinheiro toda semana que produz pouco mas precisa ter um retorno rápido, tanto para alimentação da família quanto para reinvestir na sua atividade produtiva.”

“Os municípios menores tiveram um impacto social muito grande... os impactos sociais foram muito grandes desde a questão da saúde, nós temos municípios aqui que, a maioria dos municípios, não têm hospitais, postos de atendimento, então tudo isso influenciou foi o impacto geral.”

“Essa crise talvez seja a crise histórica brasileira onde houve maior diferença de impacto entre diversas atividades econômicas (...) houve atuação de governos diretamente sob alguns setores impedindo até o funcionamento, então isso terminou provocando uma questão de natureza seletiva e que alguns ambientes foram verdadeiramente massacrados por força de lei. Para citar, por exemplo, creches, transporte escolar, eventos culturais, tudo aquilo que envolve de alguma forma aglomeração, envolve

presença, esses setores foram de um modo geral aniquilados neste período.”

“Não houve impactos diretamente com a nossa atividade (...) Foram casos muito pontuais, como floricultura por conta dos eventos, casamentos, aniversários de 15 anos, muitos congressos foram suspensos (...) mas 90% do agro não parou. Continuou desenvolvendo suas atividades sem nenhuma mudança, pelo contrário, o valor bruto da produção subiu em 2020 e a expectativa em 2021 é que nós cheguemos na casa de R\$ 1 trilhão de reais.”

“A empresa que tinha fôlego financeiro conseguiu passar com mais tranquilidade. Aquela que não, teve um pouco mais de dificuldade. (...) As menores, muitas vezes, o problema foi a questão do fôlego financeiro. Teve um momento que, realmente, deu uma travada na economia, e essas empresas ficaram morrendo de medo. E agora? Para onde eu vou? Essas empresas, que não tiveram fôlego financeiro, com certeza, tiveram maior dificuldade”.

5.2. IMPACTOS TECNOLÓGICOS DA PANDEMIA

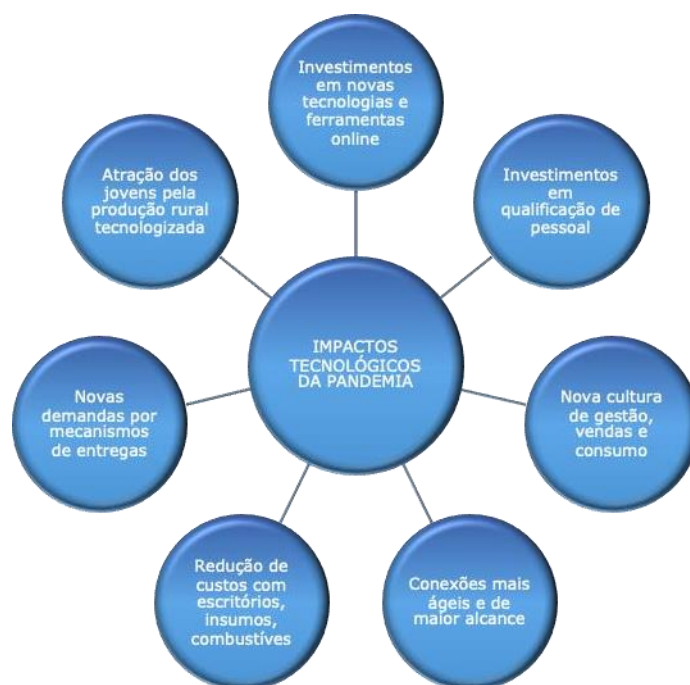
A pandemia e o isolamento social que ela causou criaram uma pressão tanto sobre o setor produtivo de modo geral, que precisou se reinventar para conseguir dar continuidade aos negócios, quanto sobre o setor público, que necessitou agilidade para incorporar e dominar as ferramentas digitais e mudar procedimentos. As entrevistas revelam uma percepção tanto de agentes públicos, quanto de privados, de que as mudanças, a incorporação das ferramentas online e as novas tecnologias vieram para ficar. As conexões entre pessoas, seja com finalidades de gestão, seja com finalidade de venda ou de qualificação, quando são realizadas por plataformas online ganham agilidade, alcance, economia e até mesmo viabilidade. Pedem por vezes investimentos que se justificam. Vale ressaltar, no entanto, que boa parte desses processos tecnológicos já existiam e vinham sendo incorporados ao dia-a-dia das pessoas e das empresas, mas numa velocidade muito inferior à do momento atual. A pandemia, na verdade, catalizou o desenvolvimento e a absorção dessas novas tecnologias, mas numa escala e amplitude inéditas, cujo alcance transformador já pode ser percebido no cotidiano das instituições entrevistadas.

A primeira revelação das entrevistas diz respeito a uma mudança de paradigma. O mundo já mudou, os procedimentos estão mudando e está surgindo uma nova cultura de gestão, administração, vendas e consumo. Essas transformações trazem dificuldades, desafios, mas podem trazer dinamismo e um alcance muito maior tanto para governos quanto para negócios. As conexões, por exemplo, entre um governo estadual e a prefeitura de um pequeno município pobre a centenas de quilômetros de distância, passaram a viabilizar uma troca de informações que antes era bem mais complexa. A incorporação do

trabalho remoto trouxe vantagens tais como a não necessidade do uso regular de um escritório, de deslocamentos, de gasto de combustíveis, de energia, de água e uma série de outros insumos. Não foram poucas instituições que declararam que o assim chamado *home office* trouxe significativa redução de custos.

Ao mesmo tempo, novas demandas surgiram, sobretudo no que diz respeito a aquisição de tecnologias, de capacitação e de comunicação. Além disso, esse universo em mudanças exige um trabalhador comum perfil diferente, com condições mínimas de transitar por esse ambiente tecnologicado. Num futuro breve, essa qualificação será o diferencial que fará um trabalhador estar apto para esse novo mercado. As novas mudanças, sobretudo nos meios comerciais, vendas online com entregas pessoais, gerou demanda pela intensificação dos mecanismos de entrega. Do ponto de vista dos produtores rurais, um fenômeno começa a se estruturar: a demanda por novas tecnologias do ponto de vista da produção agropecuária está atraindo jovens. Filhos de produtores rurais que antes buscavam uma formação para migrarem para os centros urbanos, começam a redirecionar suas carreiras para permanecerem no campo e seguirem a trajetória familiar.

Em suma, é possível ver nos destaques a seguir, *flashes* que nos revelam pedaços de um mundo em que mudanças que antes vinham em ritmo lento, aceleraram e pedem nossa atenção para que possamos compreender os processos que estão em andamento.



5.2.1. MUDANÇA DE PARADIGMA

"A gente teve que se reinventar. Muita coisa online e reuniões virtuais, e-mails, telefone, WhatsApp e

fomento que tem como incentivo a política de atração de shows, de suporte financeiro a grandes eventos.”

“O trabalho virtual foi imposto a todos pela pandemia, desenvolvemos ele, mas é uma coisa que eu acho que muito desse trabalho vai ficar.”

“O mundo já vinha mudando e agora com a pandemia acelerou muito. Nós devemos dizer que a inovação tecnológica é a bola da vez. As empresas que não inovarem nessas plataformas digitais realmente vão estar fora do mercado daqui a cinco ou dez anos. (...) Tenho certeza de que o trabalho remoto vai ser um grande diferencial das empresas.”

“O que eu vi foi acessar esse mundo da tecnologia, que nós não tínhamos ideia da facilidade disso. Fazer reuniões virtuais, vários setores aqui dentro e se organizam no grupo do WhatsApp e daqui a meia hora consegue fazer uma reunião.”

“A gente teve que reinventar processos de trabalho, desde migrar de um processo de papel até ingressar em um processo administrativo fiscal eletrônico. (...) Diversas ferramentas eletrônicas, e aí cito com principal o processo fiscal eletrônico, surgiram como uma resiliência na pandemia.”

“Nós vamos sair da pandemia depois que nos reorganizarmos sem a doença, essas novas maneiras de trabalhar, elas não vão mais desaparecer. (...) Até o estado está se organizando, como te disse, que já tem previsto 30% de trabalho telepresencial legalizado. Acho que teremos uma nova maneira de viver após a pandemia.”

“Evoluímos muito nessa questão do comércio digital, que é uma das coisas importantes para nós daqui. Então, o comércio trabalhou, o serviço trabalhou e melhorou, com relação a essas videoconferências e tudo. Eu acho que *delivery*...muita coisa se reinventou. Há uma mudança de comportamento dos consumidores para melhorar, para mudar esse hábito de compras. Muita gente compra hoje em dia pelos correios. Muitas empresas estão investindo pesado nisso, vendo que há uma mudança de comportamento, as pessoas veem com comodidade comprar com segurança.”

“O mundo começa a virar de uma sociedade tradicional clássica para o mundo digital. Se extrai mais valor de atividades de prestação de serviço intensivas em inovação e conhecimento habilitados pelo digital. (...) A pandemia não trouxe nada de novo, ela acelerou. É um catalisador de transformações. Aquilo que as pequenas e grandes empresas pensaram em fazer em cinco anos, fizeram em cinco meses.”

“A pandemia mudou a realidade de todo mundo. (...) Nós começamos a ter *e-commerce* no setor agropecuário, que a gente nunca viu o pequeno produtor se juntando para colocar produto na internet e

vender batata, banana, leite, iogurte, queijo, na internet. A gente não tinha esse perfil. Hoje o cara já comprava sapato, roupa, isso e aquilo, mas produto agropecuário, de jeito nenhum. Eu sou de uma pequena cidade de trinta mil habitantes, lá, os comerciantes, os feirantes, passaram a ligar para a sua casa, ver o que você queria, anotava seu pedido, fazia uma lista, tirava o seu pedido da sua compra, do feirante, e entregava na sua casa laranja, banana, leite, não sei o que.”

“Começou a ver vídeo de drones, pulverização por drone. Uma máquina menor, um equipamento mais eficiente. Ele começou a perceber que poderia também entrar na tecnologia. Isso foi bastante interessante. Então o produtor, hoje, nosso, mesmo aquele pequeno, já não tem aquela mão de obra muito braçal. Ele adequou aquela mão de obra. Hoje ele quer um colaborador que já saiba mexer no equipamento, no implemento e não aquele trabalhador de enxada. Aquele trabalhador de enxada, ele mesmo está se adaptando. Então nós percebemos uma mudança de postura de comportamento, em relação às rotinas de trabalho.”

"O que se observou nesse período? A contratação de muitos profissionais nessa área para plataformas, para aplicativos e muitos outros modelos de negócios. (...) Nós estamos vendo o próprio varejo passando por transformações. Grandes empresas nacionais dando foco no digital, fazendo lojas menores e é esse o olhar que nós temos que estar como instituição representativa.”

“A pandemia foi um momento de muita reinvenção. (...)Nós tivemos crescimento em termos de participação no online, no *delivery* e em outras formas de comunicação. Nós temos é que buscar entender o nosso cliente, como empreendedor, e buscar alternativas para suprir as suas demandas.”

"Eu passo o dia quase todo aqui em reuniões, em conversas com meus técnicos e a produtividade é muito maior. Então é uma coisa que veio para ficar (...). A gente, mesmo na volta da pandemia, a gente vai manter a modalidade *home office* em algumas situações porque o resultado vai ser muito positivo em termos de produtividade.”

5.2.2. TROUXE DINAMISMO / MAIOR ALCANCE AO SETOR

"A pandemia nos fez desenvolver nessas reuniões virtuais, ganhamos experiência e conseguimos fazer um seminário de fruticultura, que antes eram presenciais, fizemos sete seminários com autoridades de cada área, manga, maracujá, cacau, enfim, as grandes autoridades nacionais estiveram presentes, cada

uma em seu núcleo de produção de conhecimento. Conseguimos colocar grandes produtores de conhecimento nos seminários e arquivar no YouTube.”

“Uma oportunidade surgiu para a gente que foi a necessidade de a instituição pública se adequar às novas tecnologias digitais para melhorar o atendimento ao público. Precisou se passar por esse momento para entender que era importante investir mais em tecnologias digitais, investir mais em redes sociais, investir mais em reforços tecnológicos para atender aos produtores.”

“A gente criou aqui o Portal do Agronegócio, todos os produtores podiam conversar com a gente, a gente criou um observatório para entender tudo que estava acontecendo na produção. (...) Então, assim, a SEAGRI cresceu muito com relação a isso porque o produtor conseguiu enxergar que ele não estava sozinho que a gente estava ali do lado dele em todos os momentos.”

“Foram feitas parcerias com setor de tecnologia e, com essas parcerias, desenvolvemos um aplicativo chamado Saúde Digital que faz contato por vídeo para atendimento de pacientes. Neste Saúde Digital, disponibilizamos profissionais da nossa estrutura hospitalar com médicos, enfermeiros, psicólogos e foram mais de 20 mil avaliações de casos suspeitos de Covid-19, mais 5.600 atendimentos realizados por chamada de vídeo.”

“Por conta da pandemia tivemos que trabalhar *home office*, criamos atividades em casa, nosso sistema todo de TI para a gente ficar sempre conectado e facilitar essa prestação de serviço para as empresas.”

“Uma estratégia que foi lançada para alguns produtos foi a possibilidade de comercialização por meio da internet ou ainda por grupos, etc. Essa foi das ações que a gente acabou empreendendo do meio do ano para frente um pouco, de 2020, com a seleção de produtores egressos das nossas capacitações para fazerem parte de um guia virtual e aí as pessoas podiam fazer contato com o produtor e comprar esse seu produto independente da região onde estava localizada.”

“Nós tivemos áreas que tiveram dificuldades, mas superaram. (...) Elas souberam utilizar as ferramentas possíveis neste momento de pandemia. As vendas pela internet, o comércio eletrônico ou *e-commerce*. Os restaurantes além de usarem plataformas para comércio eletrônico, também tiveram a rapidez em utilizar as entregas por *delivery*.”

"No início nós tivemos alguns problemas na produção de queijo, Minas é estado que tem a tradição, nós tivemos pequenos laticínios com dificuldades, mas depois houve uma reversão dessa situação, tendo em vista que os produtores começaram a vender de forma *online* os queijos, e isso até teve uma melhoria na venda desses produtos."

"Essa questão do comércio que ele passou, até às próprias reuniões, passou a vender pelos aplicativos, algumas empresas e pontos comerciais se reinventaram. (...) Então, essas oportunidades que surgiram que acredito que foram muito importantes e que vai ficar, quando a pandemia passar também vai ser muito usado, muito utilizado por todos. E os que aproveitaram a oportunidade, temos aqui no próprio interior, temos pessoas aqui que não vendiam *delivery* e depois da pandemia começaram a vender *delivery* e estão fazendo sucesso."

"Acompanhamos, durante três meses, cinco empresários de cada um desses setores. Então assim, no primeiro mês 70% do faturamento caiu, na primeira pesquisa. À medida em que a economia começou a flexibilizar a abertura dos negócios, que as empresas começaram a usar o mercado online essa queda foi reduzida."

5.2.3. INTENSIFICOU A CONEXÃO ENTRE GOVERNOS ESTADUAIS E MUNICÍPIOS DISTANTES

"Mudou totalmente. Você vê que na nossa entrevista aqui já tem uma mudança. Então, não é diferente com os municípios. No ano passado, a gente tinha um cronograma gigante de treinamentos presenciais, a gente tinha um cronograma gigante de encontro com os gestores (...) nada disso foi possível. A gente teve que migrar para essas plataformas online. No começo foi bem difícil, mas é aquela história: a gente sempre tira algo positivo das situações difíceis. (...) A gente teve que convencer prefeitos que também nunca tinham feito isso, que era o caminho. Então, a gente passou a ensinar os prefeitos a mexerem em aplicativos."

"Uma das coisas que floresceu nesse momento foi essa maneira que estamos conversando aqui, a maior ferramenta para fazer reuniões remotas, reunir praticamente 80% dos prefeitos com o governador, com o secretário ou com um grupo de trabalho com relação a atividade econômica, lutas com os deputados para ganhar recursos para os municípios. Essa mudança foi dramaticamente gigante e ela foi um ganho e acho que o modo antigo não vai voltar. Temos um país continental e temos um município aqui que fica a 500 km de Fortaleza, então acho que esse modelo aqui vai se tornar uma forma interativa para que a gente consiga fazer grandes ganhos, não só na parte das reuniões, mas também nas nossas

capacitações com os nossos gestores, prefeitos e secretários.”

5.2.4. REDUÇÃO DE CUSTOS

“Nós hoje fazemos reuniões virtuais com um aproveitamento muito maior e um custo de tempo e dinheiro menor.”

“Nossa equipe técnica que pode desenvolver seu trabalho de forma online, em *home office*, assim fez. Nós já tínhamos esse trabalho remoto e a pandemia provocou o aprimoramento tecnológico (...) Acho que o trabalho de *home office*, mesmo após a pandemia, vai permanecer porque ele traz benefícios para os empresários que têm uma redução de custos.”

“Houve uma redução muito grande de energia, de telefonia, de viagens. A gente viajava muito pela CNC, usava muito o telefone. A nossa presença física lá, a conta de luz desabou porque não há necessidade de ligar os ar condicionados. Nesse novo quadro atual, sem a volta presencial, as empresas estão conseguindo economizar muitos dos seus custos, seus insumos.”

“Quando nós começamos as reuniões as *webinars*, as *lives*, os cursos, foi impressionante como eles se adaptaram. Então isso daí foi muito discutido nas reuniões de bancos, do Sebrae e outros parceiros. E que os produtores estavam presentes nas informações. Isso vai fazer com que nós repensemos nossa metodologia de ensino. O custo do ensino presencial é bem elevado. (...) Ele tem que sair da sua rotina de trabalho para participar. Quando é um curso online, ele está dentro da sua realidade. Ele participa do curso e está monitorando a sua mão de obra, a sua produção.”

“Caso eu tenha 100 funcionários trabalhando dentro da empresa que teve o custo de deslocamento, teve vale-alimentação, teve às vezes até a perda de tempo dele utilizar para vir trabalhar e voltar para casa. A gente olhando desta maneira há muita economia. Se ele fica em casa e tendo ferramentas para controlar esse trabalho e acompanhar, ele ganha em execução, está mais satisfeito com as suas famílias muitas vezes, ele tem um horário maior até para poder fazer o seu lazer porque ele não gastará mais para se deslocar.”

“Com relação a custos, olhando o setor público de maneira geral, certamente houve uma redução. Quando você muda para a modalidade remota, há uma diminuição de certos custos naturais que quando você está no órgão é maior. Por exemplo, deslocamentos, então, gasolina, consumo de água, material de escritório, enfim, uma série de questões que você utiliza muito mais quando está num ambiente de trabalho, até a própria internet que agora fica quase como uso pessoal, cada um gastando a sua internet. Então, nesse sentido, houve uma economia para o Estado. O Governo Federal até já fez um levantamento de mais de 1 bilhão de reais em economia na modalidade remota.”

5.2.5. NOVAS DEMANDAS, NOVOS INVESTIMENTOS: TECNOLOGIA, CAPACITAÇÃO, COMUNICAÇÃO

"Economias ligadas a telecomunicações e TI, esse setor que cresceu mais 50% no ano que passou e está gerando empregos."

"Muitos dos nossos produtores eles foram adequados para trabalhar nesse novo sistema de venda e comercialização, então nós vemos isso. E para isso teve outra palavrinha mágica: capacitação. Nossos produtores foram capacitados. Toda essa tecnologia, mas também como produzir, custo de produção, alto desempenho. Então se você unir as palavras inovação, tecnologia, capacitação, comunicação, essas foram as palavras mais demandadas nesse período de pandemia."

"Isso implica em mais custos para as empresas. Porque é uma mudança de paradigma. Você tem um negócio tradicional, eu tenho um digital, ok. A sociedade vai continuar tendo negócios digitais e tradicionais. Vender cachorro quente é uma delícia hoje e vai continuar sendo daqui a vinte anos. É uma atividade tradicional. Agora a maneira como vende é que muda. Muda modelo de negócios. Para mudar tem que investir em tecnologia, em capacitação, sua e de seus empregados, e investir em novos processos, consultoria. (...) Então aquele modelo de negócio tradicional foi para o espaço. Mas o seu negócio tradicional não necessariamente foi para o espaço. Então você vai ter que ter o *delivery*, o seu perfil no Instagram, estar associado ao Uber Eats, etc."

"Obrigou os municípios a investirem mais na internet. Aqui no Piauí temos uma dificuldade muito grande na parte de infraestrutura de energia elétrica e isso veio com essa pandemia como houve essa necessidade das atividades remotas."

"A gente desenvolveu, adaptou e adquiriu de terceiros soluções para apoiar o pequeno negócio no modo digital. Por exemplo, treino básico de duas horas pelo portal de como abrir uma pequena loja no Instagram. Daqui a pouco a gente tinha cem pequenos empresários com perfil. Aí a gente pensava, como ele pode ter uma presença visualmente atrativa? Aí a gente abriu outro produto em paralelo chamado Sebraetec Express, um subsídio, um pacote, contratamos um pool de designers que desenvolviam por 800 reais um combo de foto, logomarca, identidade visual para as redes. Fizemos com mais de 3,5 mil negócios em dois meses."

"As dificuldades da pandemia estimularam os produtores a incorporarem novos conhecimentos e tecnologias, ao mesmo tempo que apontaram para a eficácia de capacitação não presencial, vista como mais econômica e compatível com a necessidade do agricultor se manter junto de sua produção."

"Foi impressionante como os bancos, tanto do Banco do Nordeste, Caixa Econômica, Banco do Brasil não

pararam. Isso foi impressionante. Eles tiveram que colocar toda a sua equipe em *home office*, mas não pararam. (...) Seguindo os protocolos, os financiamentos chegaram até os produtores rurais. E os produtores rurais, como eu lhe disse, já utilizaram diferente esse financiamento. Em vez de estar utilizando para alguma coisa mais mecânica. Não quero mais aquele implemento mecânico. Agora eu quero um drone (...) Então a utilização desse financiamento foi mais consciente e voltada à tecnologia.”

“Na nossa escola SENAC, que está presente em todo o país, teve que se readequar. Nós temos plataformas de Educação a Distância (EaD), que é uma plataforma gravada, que o cliente compra o curso e vai assistir. E temos as presenciais. O que aconteceu nesse período? Não podíamos fazer os nossos cursos presenciais. (...) Compramos equipamentos de filmagem, treinamos os nossos professores e eles faziam aulas online, ao vivo, com os alunos que estavam em casa.”

“O Brasil impõe uma dimensão continental e tem perdido muito sua competitividade por falta de investimento em pesquisas, tecnologia, tem perdido muito a sua inteligência. Então, coisas básicas a gente deixa de ter porque o investimento em bolsas, em pesquisas têm sido muito baixo e a gente se torna dependente, uma política um pouco de comadre e compadre com determinadas potências e que a gente não preserva o interesse nacional muitas vezes.”

5.2.6. MUDANÇA NO PERFIL DO TRABALHADOR

“O perfil do trabalhador também está sendo completamente mudado. Antigamente, os pais diziam: “se não estudar, volta para a roça. Vai estudar, menino, que se não estudar, vai voltar pra roça”. Hoje, a gente tem que dizer exatamente o contrário. Estude e se qualifique, senão não dá para você voltar para a roça, não tem vaga. Então a qualificação da mão de obra, a especificação, nós temos algumas situações no agronegócio baiano que o cara tem que ser especialista naquilo ali.”

“Isso requereu que a gente rapidamente desenvolvesse ferramentas, ou próprias, ou adquirisse de terceiros. Usamos as plataformas de educação para continuar ministrando programas de treinamento e capacitação. Mas, fundamentalmente, a formação mais acelerada, a requalificação das pessoas, muito mais rapidamente para elas entenderem o mundo digital.”

“As pessoas, hoje, têm que se qualificar. Eu venho dizendo que aqui no Nordeste ainda, como eu sou da Federação da Paraíba, ao pequeno produtor queime o cabo da foice e da enxada. Eu não sei de onde você é, então você conhece. A foice e a enxada você conhece. Eu sempre estou dizendo: “queime o cabo da foice e da enxada”. Acabou aquele tempo. O mundo hoje é outro e a partir dessa pandemia é que ele vai mudar mais ainda.”

“Com certeza os trabalhadores menos técnicos vão sofrer muito. (...) essa área do e-commerce, e

inovação tecnológica, é a área que vai crescer mais.”

"Hoje, a agricultura, na medida que ela vai se especializando exige mão de obra especializada. O operador de máquina do passado descobriu que um trator tinha quatro marchas, ela engatava uma grade lá atrás e saía arrastando. Hoje o operador tem que chegar numa cabine, sentar num computador, programar um GPS, operação com drone. É uma tecnologia diferente a cada dia e isso é mais demandado pelo agronegócio.”

"Hoje o trabalhador tem que buscar na sua formação um olhar mais aprimorado para as inovações. (...) Quando eu coloco o olhar, nós temos um portfólio de quase 800 cursos. O que tem demandado mais? Nós estamos com diálogo aberto com a AWS, que é um braço da Amazon na área de inovação, buscando trazer novidades na área de programação, de novos negócios, para isso aqui servir de base para formarmos profissionais.”

"As empresas tiveram que encontrar formas de fazer o atendimento online e até a própria indústria que antes visitava as empresas, mesmo sendo B2B, negócios para negócios, teve dificuldades de atender pessoalmente algumas empresas e aí tiveram que se adaptar, com muitas reuniões virtuais. Isso exigiu um background maior de profissionais na área de T.I. O que a gente sentiu foi dificuldade por profissionais na área de T.I.

"Nós fomos forçados a um processo de transformação digital acelerada. Então você não vai admitir no seu empreendimento nenhuma pessoa que manuseie minimamente as redes sociais e não tem nenhuma habilidade tecnológica. Então as pessoas que têm procurado se qualificado para trabalhar com redes sociais, para trabalhar com as novas tecnologias digitais terão mais chances do que aquelas que são analógicos digitais ou que estão em processo de migração.”

5.2.7. FORMAÇÃO DE UMA NOVA GERAÇÃO DE PRODUTORES RURAIS

"Você sabe para quem foram as oportunidades? Para o filho do produtor, que às vezes não queria seguir a profissão do pai, porque o pai estava sacrificando ali, dia e noite, suando, com a mão cheia de calos. E por que o pai estava ali? Porque não tinha acesso a tecnologia. (...) Então, quer dizer, foi uma oportunidade para esses jovens. Nós temos cursos aqui na pela faculdade CNA, que é a faculdade CNA, Rede ETEC do SENAR, que é lotado de jovens, que são filhos de produtores (...) Quando ele vê que o pai se interessou por um implemento mais moderno, o próprio jovem chegou e 'o que é isso? Eu quero saber, eu gosto disso'. Então nós estamos gerando novos agricultores, diferenciados, voltados para a tecnologia.”

5.2.8. MUDANÇAS LOGÍSTICAS / NOVAS FERRAMENTAS

"Tivemos dificuldades no presencial nos restaurantes, mas também tivemos um crescimento nas vendas de motocicletas e bicicletas para atender as entregas por *delivery*. Então até restaurantes de hotéis fizeram entregas por *delivery* também. As lojas, como Bob 's, McDonald' s, fizeram entregas por *deliveries* e utilizaram outra ferramenta que foi o carro. Passando no carro e pegando os seus pedidos. *Drive thru*. Todas essas foram ferramentas que auxiliaram e muito."

"Também houve um aumento de investimento em logística. Aumentou a venda de motocicletas, muita gente está investindo em motocicleta para fazer uma entrega. É cada vez maior, dado que o consumidor não está indo às compras pessoalmente. (...) Tiveram que fazer investimentos para se reinventar. (...) E o nível de investimento em tecnologia foi muito maior."

"Essas pequenas empresas que a gente atendeu: uma foi no setor de alimentos em Feira de Santana, segundo maior município depois de Salvador, mas assim uma panificadora não tinha dois hábitos. Ele não tinha o hábito do *drive-thru*, que é entregar a domicílio, muito menos usar o WhatsApp, o Instagram, as mídias sociais ou *e-commerce* para se relacionar com o seu empregado. (...) Então esse cara se adequou, incluiu o *drive-thru*, começou a atender em domicílio e o negócio dele começou a crescer tanto que ele comprou uma segunda moto para fazer entrega."